



Notre-Dame

Existio outr'ora, no mesmo local onde se eleva hoje a igreja de Notre-Dame, um templo, que era consagrado a Jupiter. Excavações, feitas em 1711, fizeram descobrir n'aquelle logar diversos fragmentos de monumentos do paganismo, inscrições e curiosos baixos relevos, restos d'aquelle antigo templo, que foi substituído por uma vasta igreja edificada em 555, por Childebert, a sollicitação de S. Germano, bispo de Paris. Esta igreja, cuja magnificencia era sem igual, segundo refere o bispo Fortunato, historiador moderno, foi devastada em 875 e quasi destruída pelos normandos; comtudo, alguns reparos fizeram que resistisse ainda perto de tres seculos, isto é, até 1163, época em que Mauricio de Sully foi elevado ao episcopado, depois do que empreendeu a reedificação da cathedral de Paris. Foi o papa Alexandre III, então refugiado em França, que pôz a primeira pedra; mas os trabalhos seguiram com tal lentidão, que Mauricio de Sully morreu em 1196, antes de ver terminada a sua empreza. Succederam-se depois guerras, discórdias civis e falta de dinheiro, de modo que esta obra grandiosa só foi terminada no fim de dois seculos.

Este edificio foi concebido e executado sob um plano imponente e magestoso o que pôde julgar-se pelos curiosos versos, gravados n'uma chapa de cobre collocada sobre os pilares, em que estão consignadas as dimensões da igreja.

Eis a copia textual dos versos:

Si tu veux savoir comme est ample
De Notre-Dame le grand temple:
Il y a, dans œuvre, pour le seur.
Dix et sept toises de hauteur,

Sur la largeur de vingt-quatre,
Et soixante-cinq, sans rabatre,
A de long; aux tours haut montées
Trente-quatre sont comptées;
Le tout fondé sur pilotis,
Aussi vrai que je te le dis.

Notre-Dame não apresenta no exterior os ornamentos variados, a riqueza de detalhes, e coquetterie de decorações que se admiram em monumentos da mesma época. Ao contrario, nota-se uma grande severidade nas linhas, e simples magestade nas fórmãs; e por isso ao primeiro aspecto não ha nada de seductor para a imaginação. Mas se não se sente essa viva emoção, se não se experimenta essa surpresa que causam ordinariamente as construcções posteriores ao seculo XII, pelo ousado da execução, e luxo da esculptura, nem por isso se deixa de sentir um profundo sentimento de veneração em presença das massas e das proporções nobres e collossaes que nos apresenta á vista a igreja de Notre-Dame.

A maior parte dos ornamentos, que figuram n'esta igreja, são de estylo moderno, e parecem pouco em harmonia com a architectura do edificio, mas observados isoladamente não são menos dignos de attenção.

Como monumento historico a cathedral de Paris é de gratas recordações. Era ali que os antigos reis de França, depois da sua exaltação ao throno, iam repetir o juramento da fiel observancia das leis e de governar pela felicidade dos povos; era ali que levavam os tropheus da victoria; era ali que dirigiam ao céo as suas ferventes invocações, quando alguma calamidade publica affligia o reino.

PORTUGAL E O GRANDE DESIGNIO DE HENRIQUE IV

(Continuado de pag. 222)

III

Queremos fallar do celebre projecto conhecido pelo nome de *grande designio*, que Henrique IV estava para realisar quando a morte o veio interromper nas suas grandiosas concepções. Como todos os genios transcendentales que julgam submeter a natureza das coisas, porque, favorecendo-a nas suas manifestações logicas, vêem os acontecimentos darem-lhes razão, quiz tambem formar uma Europa arbitraria, dividir a seu bel-prazer, e segundo os principios que julgava e que eram realmente verdadeiros em globo, mas que suscitavam nos pormenores milhares de objecções, quiz dividir á sua vontade os povos e as nações e legar ao futuro uma Europa mathematicamente equilibrada, sem se importar com os attritos das rodas que tinham de funcionar n'essa grande machina.

Fôra o erro de Carlos V, foi o erro de Henrique IV, havia de ser ainda o erro de Napoleão. O primeiro porque vira a tendencia das pequenas nações resultantes do feudalismo a conglobarem-se em grandes nacionalidades, phantasiou a monarchia universal; o segundo por ver que os povos iam reconhecendo a necessidade de se disporem de modo que nenhum paiz tivesse influencia demasiada, e nenhum tambem, por conseguinte, influencia pequenissima, julgou que podia fraccionar a Europa á vontade em paizes approximadamente eguaes; o terceiro porque notava que o mundo acolhia com enthusiasmo as idéas capitaes da revolução franceza, a liberdade civil, a liberdade de consciencia, julgou que esse prestigio moral se podia traduzir em factos materiaes, suppoz que nada seria mais facil do que dar ao imperio da França, alargado hyperbolicamente, uma suzerania sobre as outras nações, suzerania que todas acolheriam com jubilo. Enganaram-se todos tres porque imaginaram que podiam substituir pela mão do homem a mão de Deus, pelos decretos dos gabinetes as leis providenciaes.

Vejâmos agora em que consistia o *grande designio* de Henrique IV, e o que vinha a ser a Europa, depois de Henrique IV ter completamente cortado á vontade no mappa as differentes fracções em que se devia repartir a velha sociedade europeá.

Tornar-se-hão sensiveis os defeitos do plano, á medida que o formos desenrolando diante dos leitores; mas devemos confessar tambem que tres grandes idéas presidiam a uma tal concepção.

Essas idéas eram as seguintes: equilibrio europeu, e, por conseguinte, depressão da preponderancia da casa d'Austria; tolerancia religiosa; expulsão dos turcos da Europa.

Este ultimo pensamento não se ligava a nenhum preconceito de fanatismo religioso, era todo em prol da civilização europeá, que os turcos deshonoravam e entorpeciam ao mesmo tempo, inundando de ninhos de piratas todas as costas, ameaçando constantemente com invasões terriveis os pai-

zes limitrophes, salteando as praias, e fazendo pesar um jugo barbaro e esterilizador sobre os paizes mais florescentes da Europa.

Hoje os turcos são victimas da ambição desordenada da Russia, e merecem por conseguinte as sympathias de todos os que detestam a prepotencia; mas n'essa época a brutal soldadesca osmanli era o terror e o flagello da Europa, e os seus insolentes acampamentos em plena Grecia eram um insulto para esta civilização occidental cujo berço elles conspurcavam.

Populações activas e intelligentes gemiam debaixo d'esse jugo oppressor, que as paralytava no seu caminhar para a civilização e que as proscruvia da communhão europeá, do agape fraternal do progresso. Se Henrique IV tivesse vingado os seus fins, o nó gordio d'essa questão do Oriente, que é um dos grandes embaraços da politica actual, fôra cortado ha tres seculos pela espada d'este Alexandre.

Hoje os turcos, vistos em plena luz da civilização, são como as corujas que o dia surprehende, que se escondem vergonhosas e afflictas e que só causam dó a quem as vê estonteadas; então n'essa meia treva em que ainda se agitava a Europa, essas mesmas corujas, feroces e triumphantes, causavam terror a todos os que lhes ouviam o funebre grito, e apagavam a cada instante as lampadas que a civilização aqui ou além accendia e com que procurava dissipar as sombras.

Eis o motivo porque achamos que era grandiosa a idéa que Henrique IV concebera de expulsar os turcos da Europa.

(Continua)

M. PINHEIRO CHAGAS.

ALGUMAS CURIOSIDADES HISTORICAS E OUTRAS ACERCA DO COMMERCIO

VI

Il est difficile qu'un pays n'ait des choses superflues, mais c'est la nature du commerce de rendre les choses superflues utiles, et les utiles nécessaires.

Montesquieu. *De l'espr. des lois*. XX 22.

Cette diversité des productions et des facultés productives est le lien qui unit les uns aux autres les habitants d'une même localité, la ville et la campagne, les provinces d'un même État, les différents peuples et jusqu'aux points du monde les plus éloignés.

M. Henri Richelot. *Dict. Gén. de la Pol. vb. — Commerce*.

No artigo antecedente vimos a muito interessante apreciação das excellencias do *Commercio interno*, que Desttut de Tracy nos apresenta no *Commentario do Espirito das Leis*. Só um pensador, acostumado aos trabalhos philosophicos, fôra capaz de se entranhar em uma tão miúda análise, decompondo, como decompoz as noções complexas que a idéa de commercio interno encerra.

Não nos descuidâmos, porém, de fazer sentir que, não obstante os encarecimentos do economista philosopho, em quanto ao commercio interno, não tivéra Tracy a intenção de diminuir a importancia do commercio externo, — antes, e

muito explicitamente reconhecia a sua poderosa e impreterível influencia no augmento das proporções do tráfico, no abastecimento consideravel dos mercados, e até no desenvolvimento da industria e da producção.

E sendo assim, como de feito é, temos na conta de util curiosidade acompanhar agora o profundo e tão paciente analytico na enumeração dos modos diversos, porque contribuem para o augmento da riqueza nacional os negociantes que se occupam do commercio com os estrangeiros. Percorrámos, rapidamente as fontes de lucro d'esse tal commercio.

Os negociantes colhem proveito do commercio com os estrangeiros:

1.º Como *commissarios*: n'este caso percebem a importancia da commissão, — e um tal lucro fica no paiz a que pertencem os commissarios.

2.º *Commercio de transporte*. Os negociantes vão comprar em um paiz estrangeiro mercadorias que lá são baratas, para as revendêrem n'outro paiz, onde são caras. A differença do preço — entre a compra e a venda — constitúe um lucro, depois de deduzidas as despesas; e esse lucro reverte em beneficio da patria do negociante.

3.º O negociante compra no seu paiz mercadorias que têm no mercado europeu um baixo preço, vae levá-las a regiões longinquas, e traz para a patria, em troca, outras mercadorias que em todas as nações têm grande valôr. — Como exemplo apresentaremos o acto commercial de levar contas de vidro, espelhos e outras bagatellas a povos barbaros, e de trazer de lá ouro em pó, marfim, pèlles e outros objectos de preço. — O lucro n'este caso é evidente, e não menos evidente é o augmento da riqueza nacional.

4.º O negociante vae a paizes estrangeiros, compra lá matérias primas, fál-as depois fabricar no seu paiz, e leva em tempo competente os objectos fabricados aos mesmos ou outros estrangeiros. — Assim, por exemplo, vae a um paiz estrangeiro fornecêr-se de lãs, e leva-lhe depois, ou a outro paiz, o panno já fabricado. — N'este caso, o lucro do negociante, e o lucro nacional, são evidentissimos, tanto mais, quanto de envôlta vae o desenvolvimento da industria.  Curioso espécimen! Os inglezes levavam a nossa cortiça, e traziam-nos as rôlhas que fabricavam com a nossa matéria prima!

5.º A 5.ª espécie do commercio externo consiste em exportar todos os géneros e mercadorias, desnecessários para o consumo, e que, a não ser esta extracção, nenhum interesse haveria em os produzir, e por certo não seriam produzidos, — e em importar os géneros e mercadorias absolutamente necessários, ou que só por preço muito elevãdo se obteriam dentro do paiz. É este o commercio mais frequente e ordinário entre as nações; é este commercio a régra géral, em quanto que os quatro precedentes são como que uns casos particulares e de excepção. É este o commercio, que compõe a quasi totalidade do commercio externo da maior parte dos povos. É este commercio o poderoso auxiliar do commercio interno, porque alarga o mercado, e permite augmentar as faculdades dos cidadãos, — desenvolvendo a sua industria, e fornecendo-lhe todos os meios de goso que essa industria occasiona.

Esta ultima vantagem é tão poderosa, tão capital, que absorve todas as outras, e faz que

nem séquer entre em linha de conta o lucro dos negociantes — individualmente considerados. É bem certo, que existe o lucro dos negociantes, e que, a não ser este, não haveria quem pretendesse negociar; mas asse lucro sáe — em parte — dos estrangeiros; e em todo caso, não iguála as demais vantagens d'estas transacções, nem a immensidade de riqueza que ellas fazem nascer e pôr em movimento. Logo, aos olhos da philosophia politica, não meréce o lucro individual dos negociantes attenção alguma. Não devemos, portanto, collocar esta espécie do commercio, aliás a mais util e a mais consideravel de todas, no número d'aquellas que augmentam *directamente* a massa das riquezas nacionaes, — e isto precisamente porque é ella quem as augmenta *mais indirectamente*.

A classificação que deixamos apontada não a considêra Destutt de Tracy como sendo d'um rigor mathemático. A realidade não se presta a obedecer a estes modos genéricos e abstractos de encarar as cousas. E, na verdade, as operações práticas do commercio participam, mais ou menos, e em um ou outro ponto, da natureza dos modos supra-classificados; mas a anályse em que o auctor entrou, lança luz sobre a natureza do commercio, e habilita para apreciar com o necessário critério o que se chama *balanço do commercio*, — do qual havemos de ter occasião oportuna de dizer duas palavras. — Agora seguiremos, em quanto a generalidades philosophico-historicas sobre o commercio, a fina analyse do grave commentador do *Espirito das Leis*.

— A palavra *commercio* é a reproducção das expressões latinas *commutatio mercium*, commutação, troca de mercadorias, de géneros, de productos.

Só o homem é capaz de fazer trocas, — que não os outros animaes. E porque não os outros animaes? Porque estes não têm uma idéa distincta do direito de propriedade, e carécem de uma linguagem assás desenvolvida, que lhes permita estipular convenções expressas.

Observa Destutt de Tracy que foi Adam Smith o primeiro que apresentou esta ponderação.

O commercio é a essencia, a vida da sociedade, do mesmo modo que o trabalho é a fonte da riqueza.

Seguindo-se as pisadas do citado Adam Smith, vê-se que o emprégo das forças do homem é a sua unica riqueza primitiva, — a qual se augmenta pela divisão do trabalho, só exequível e fecunda em resultados pelas trocas, e na proporção do número e facilidade d'estas.

Os negociantes não são indispensaveis; mas são grandemente uteis, porque facilitam prodigiósamente as trocas. Todos os productos da agricultura e da indústria podem ser excellentes; mas são inúteis para nós, em quanto não estão ao nosso alcance. Pouco me importa, diz avisadamente Tracy, pouco me importa que haja assucar nas Indias, porcellana na China, café na Arabia: o que me interessa, é que fragam tudo isso para o pé de mim. Eis o que fazem os negociantes; e por isso são elles productores de utilidade, — e de tal utilidade, que, em ella desaparecendo, desaparecem todas as outras. Nos pontos onde uma cousa superabunda, não tem esta valor algum, e só o adquire, e muito grande, quando é levada aos logares onde falta.

Ao commercio devemos tudo quanto é bom e amavel. Comêça por ligar todos os homens de uma mesma povoação, liga depois as sociedades — umas com as outras —, e afinal prende com suaves laços todas as partes do Universo. O commercio estende, provoca e propaga as luzes e as relações, e é o auctor de todos bens.

É verdade que tem causado algumas guerras, e occasionado desavenças; mas não é elle — em si mesmo — o culpado, — toda a culpa deve ser imputada aos erros e desarrasoadas apreciações dos seus adeptos.

Mas, a avidez do commercio!... A avidez consiste em arrebatrar o bem dos outros pela violencia, ou por modos arteiros, como, por exemplo, succede nos dois nobres officios de conquistador e de cortezão. O negociante, do mesmo modo que os demais homens industriôsos, só procura o beneficio no seu talento, no effeito de convenções livres, e invocando a boa fé e as leis. Applicação, probidade, moderação... eis o que lhe é necessario para ser bem succedido; e d'aqui resulta o melhor de todos os hábitos moraes. A occupação continua de grangear lucros torna por vezes áspero o negociante, em presença e por causa dos seus interesses: na pessoa de um amigo fôra para desejar maior liberalidade e maior ternura... mas, do todo dos homens não se pode exigir a perfeição. Amo e admiro, diz Destutt de Tracy, amo e admiro os que praticam o bem; mas basta que ninguem faça mal, para que tudo corra nos devidos termos. O homem laborioso faz mais bem á humanidade, ainda que o não faça de propósito, do que o philantropo ocioso, a despeito de todo o zêlo que apregôa.

— Proseguirémos, no artigo immediato, n'este assumpto.

JOSE SILVESTRE RIBEIRO.

OS ANOS DA MINHA AVÓ

Continuação de pag. 219

XIII

Presentimentos

Sinto-me inquieta, minha boa amiga! Parece que um imminente perigo me ameaça, e um terror vago e indizível se me apodera do espirito. Antevejo a tempestade como as gaivotas e adejo, inquieta e infatigavel, em torno do meu proprio sentimento.

Tenho a alma enferma; e a inconsequencia das mais disparatadas resoluções, tão depressa accites como abandonadas, é o principal symptoma da morbidez do meu animo.

Quiz brincar com o sentimento e fiz mal. Amei Ernesto com paixão innocentissima e quiz experimentar-lhe o affecto; tentei desilludil-o e affastei-o de mim. Aquelle nobre caracter curvou-se com toda a indolencia da resignação á sentença com que o fulminára o meu capricho. Irritou-me o resultado da experiencia e soffri. Concentrei-me... e soffri ainda mais. Fugi-lhe; e a sua doce imagem perseguiu-me por toda a parte, não como outr'ora me perseguia, doce e affavel, uma visão das campas, mas severa, inflexivel, attraente de um magnetismo infernal.

Cedi á fascinação, depois de uma lucta de alguns mezes e aproximei-me d'elle. Ia forte e convicta da minha invulnerabilidade. Ouvira dizer que os physicos têm alguns vezes descar-

regado sem perigo uma nuvem pejada de electricidade, sob a protecção de um isolador. A reflexão que fizera sobre este sentimento parecia-me isolador sufficiente e aproximei-me do fluido electrico do amor de Ernesto, resoluta e destemida. Illudi-me! Colheu-me a faisca e fulminou-me. A tua carta, com a confidencia dos teus ditosos amores, foi uma das cadeias conductoras, que mais me pozeram em contacto com esse elemento sob cuja influencia se havia de prostrar toda a resolução do meu animo.

«Enleei-me n'aquelle deleitoso laço; mas, ai! de mim! não era já a mesma suavissima volupia, que me havia feito engolphar em doces arroubamentos de um amor purissimo. E eu é que havia levantado o veu mysterioso d'aquelle magico enlevo! Não podia queixar-me!

O poderio, que sobre mim exerce aquella fascinação, como nas infantis historias de mouras encantadas, espera que um dia a omnipotente mão do acaso quebre, com alguma dolorosa desillusão, este fadario.

«Qual será o desenlace? Não o antevejo, mas presinto, no immenso excitamento que me irrita os nervos, que alguma coisa de extraordinario está para acontecer.

«Verga-me umas vezes o espirito, e convenço-me que vou succumbir na lucta; outras, ergo-me orgulhosa e altiva, convencida da inflexibilidade da minha resistencia. Então accuso-me a mim mesma de um condemnavel coquetismo, que arremessa o nobre espirito de Ernesto á insania da paixão.— para depois me condemnar, no intimo da propria consciencia, da fragilidade com que accito a derrota como mais commoda resolução da lucta.

«Quando me salvar d'este estado de desespero terei emmurhecido o viço do coração; e sentirei saudade, d'esse passado, em que a apathia das affeições me elevára na sociedade á realza da indiferença.

«Só tu, minha amiga, serás sabedora da solução d'este problema, que fecha a minha vida, como um enigma illustrado no fim de um jornal de modas.

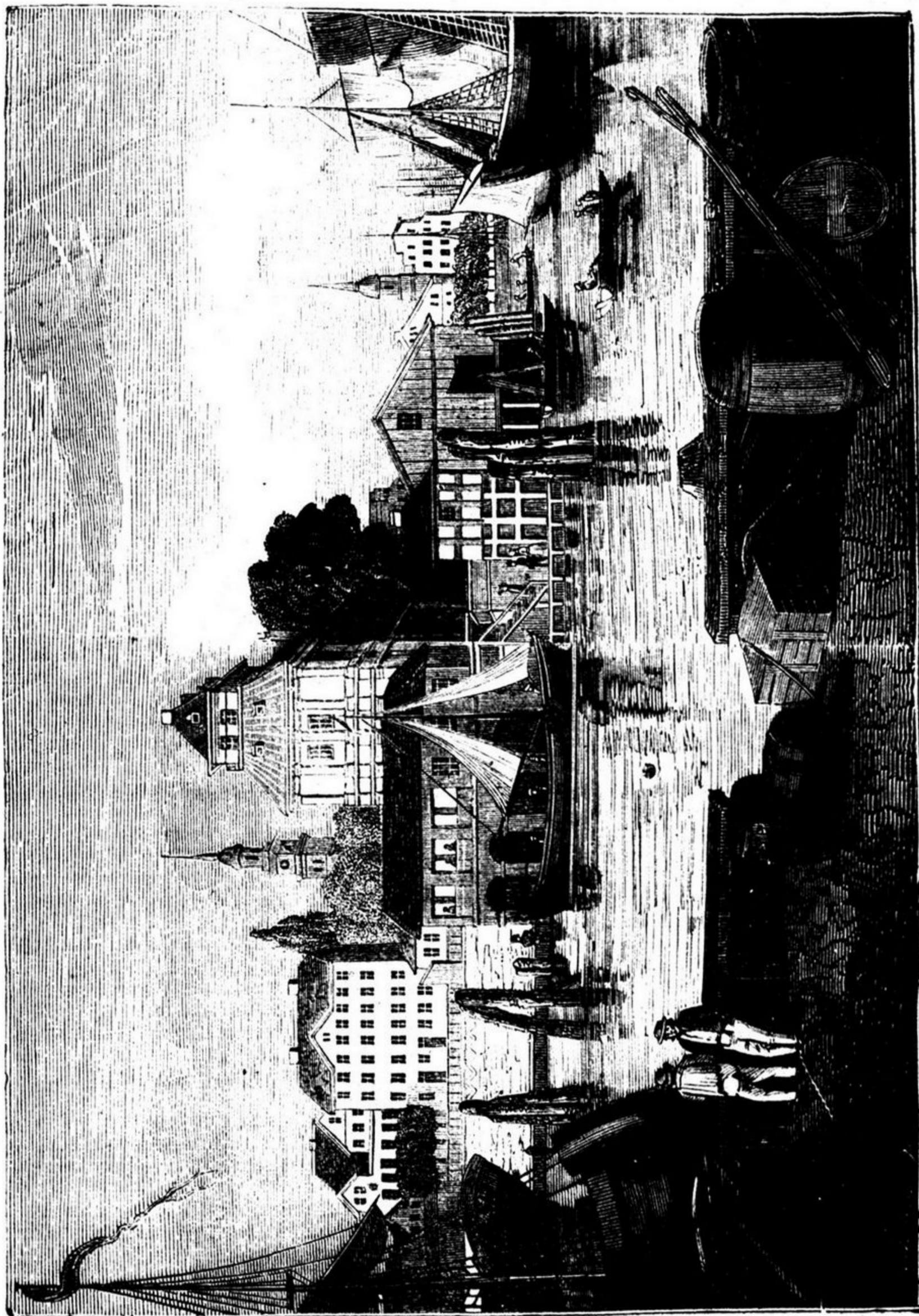
«Deus afaste a tua alma apaixonada do estado em que sente, inquieto e morbido, o espirito a tua sempre amiga — *Clementina*»

(Continua)

G. B.

QUEDA DE RIOUKEN-FOSSEN

A mais bella queda d'agua do universo, talvez, é a de *Riouken-Fossen*, no Tollemarken em Norwega. Aquella immensa cataracta compõe-se de tres quedas distinctas; as duas primeiras tem logar por planos inclinados, a ultima é inteiramente perpendicular; e segundo o professor Eimark, o primeiro que a descreveu, tem oitenta pés de altura. As proporções das outras duas não são menos gigantescas. O que torna as tres cataractas mais notaveis é, de reunirem á altura da queda, pouco commum, um enorme volume d'agua. Ora, nada mais raro que a reunião d'estas duas condições. As cascatas que deitam muita agua caem ordinariamente de pequenas alturas, e aquellas cuja altura é mais elevada, o volume da agua é mediocre. Tal é, por exemplo, a magnifica queda d'agua do circo du Marbre (Pireneus) que cae da altura de mil duzentos cincoenta e seis pés.



Hamburgo

Hamburgo era uma das cidades mais commerciantes da Europa, quando, pela sua reunião ao imperio francez, ella se tornou, em 1810, o departamento principal *des Bouches de-l'Elbe*; e contava então 107,000 habitantes. Os arrabaldes, cobertos de plantações, de bellas casas de campo, e de terrenos em cultura, assemelhavam-se a um magnifico jardim, que embellesava o curso do

Elba, e tornava ainda mais deliciosos muitos logares.

Quando em 1813, a França teve de resistir contra a formidavel liga em que entrava quasi toda a Europa, Hamburgo, que não devia a sua riqueza senão ás operações commerciaes, foi repentinamente mudada n'uma imponente praça forté: as bellas arvores que assombravam os

arrabaldes, as casas de recreio que indicavam o luxo dos habitantes, a humilde choupana do camponez, os jardins, tudo foi arrasado para dar espaço e logar aos trabalhos militares.

Estimaram as perdas causadas pela guerra em 72.000.000 de francos, sem comprehender muitos objectos, fazendas e edificios arruinados, cuja estima de valor não juntaram áquella cifra, mas que a elevou a 100.000.000 de francos. As necessidades do exercito francez obrigaram o chefe que o commandava a dispôr de mais de 7.000.000 de marcos sobre os fundos pertencentes ao banco d'esta cidade; mas, por um tratado feito em 1816, o governo francez obrigou-se para com Hamburgo a reembolsar 10.000.000 francos, que foram pagos por meio de uma inscrição de 500.000 francos de renda sobre o grande livro.

A paz, dando vida ao commercio, fez renascer n'esta antiga cidade a actividade que a distinguia das suas rivaes, e logo que pôde receber no seu porto os navios de todas as nações, foi novamente proclamada a sua independencia. Em 1814 não contava mais de 60.000 de habitantes, mais tarde estimaram a sua população em 110.000 almas entre as quaes se comprehendem 2.000 catholicos, 4.000 reformados, 5.000 memnonitos e 6.000 judeus, pertencendo o resto da população á confirmação d'Ausbourg.

Em uma cidade tão rica, admira-se que não haja um grande numero de bons edificios: a casa da Bolsa, e a igreja de S. Miguel, cuja torre tem 400 pés de altura, são os unicos que podem citar-se, e ainda assim não são tão notaveis porque a cidade encerra ruas sujas e estreitas e casas cujas construcções recordam mais a época de Carlos Magno, que passa por ser o fundador de Hamburgo, que os progressos feitos nos tempos modernos na arte de construcções.

O unico passeio de que se pôde gosar no interior da cidade é um renque de arvores plantadas sobre as margens de uma vasta bacia.

A actividade que reina no porto desde manhã até ás 2 horas, a affluencia dos commerciantes de todas as classes que entra e sae da Bolsa, o numero de trens que percorre a cidade a toda a hora, collocam esta cidade commerciante depois de Londres e Amsterdam, pela importancia dos negocios e luxo dos habitantes.

Em Hamburgo ha um grande numero de fabricas, e é ali que se fuma a carne conhecida pelo nome de boi de Hamburgo e da qual tão grande exportação se faz.

Calculam em mais de 1:200 o numero de navios que entram e saem annualmente do seu porto.

Hamburgo e o seu territorio abraça apenas a extenção de 17 leguas quadradas, e n'este espaço ha dois burgos, uma duzia de aldeias, e perto de cincoenta logarejos que encerram, o maximo, 20.000 habitantes. Uma tão pequena população não pôde explicar a extenção dos resultados obtidos. Qual é, pois, o segredo da prosperidade d'esta cidade? Não basta perguntal-o sómente á liberdade de que tem gosado desde tanto tempo, e de que gosa ainda, é preciso tambem ter em consideração a vantagem da sua posição topographica e do espirito eminentemente sabio dos seus habitantes.

Mais nos poderiamos espraiaer em noticias sobre a importante cidade de Hamburgo, cuja vista

é representada na gravura, que orna o presente numero do nosso semanario; mas o limitado espaço de que dispomos não nol-o permite.

SIR ROBERT PEEL

(Continuado de pag. 200)

— Por muito tempo julgou Peel dever manter uma escrupolosa fidelidade ás idéas do partido tory, no qual se alistára desde que entrou na vida parlamentar. Já o vimos interessar-se por todos os melhoramentos de administração, ainda quando sustentava os designios políticos e os interesses mais intimos do partido tory; chegou, porém, a occasião de julgar dever sacrificar aquelles mesmos designios e interesses á causa da liberdade, e ao bem da humanidade. Quando a força da convicção abalou crenças e opiniões anteriores, o sacrificio foi prompto e cabal.

O segredo do que de grande fez Peel, n'este sentido, é revelado bem clara e expressivamente na allocução dirigida aos eleitores de Tamworth, verdadeira profissão de fé politica, dictada pela nobreza dos sentimentos que o dominavam, e pela illustração de um espirito superior.

— Nunca fui (dizia Peel aos eleitores) partidário cego de systema algum. Fui sempre seguindo com um olhar attento o curso dos acontecimentos, e quando vi que as circumstancias demandavam imperiosamente uma mudança qualquer, jámais me envergonhei de abandonar tal ou tal maxima, de renunciar a tal ou tal providencia, para adoptar outras, que mais em harmonia estivessem com as modificações occorridas no Estado. Sei muito bem que este teor de procedimento ha sido censurado pelos partidos — os mais oppostos; mas é certo que persistirei em seguir o mesmo trilho. Não creio possível que um homem de Estado trâce d'antemão para si proprio uma linha de politica invariavel; mas no caso de a traçar, e de se desviar d'ella, só tem que propôr á sua consciencia a seguinte questão: Sou eu guiado por um motivo pessoal, por um motivo que não é licito confessar, — ou, pelo contrario, posso eu invocar a necessidade dos tempos e a força das circumstancias? —

Já no artigo antecedente mencionámos as principaes providencias que assignaláram o ministério de Peel, e na proposta das quaes teve elle que arrostar com a reptugnancia do partido tory, depois de se ter convencido da indispensabilidade dellas. Vamos, porém, agora apresentar um exemplo, que muito significativamente confirma as declarações que Peel fez aos eleitores de Tamworth.

Em 11 de dezembro de 1847, por occasião da eleição de Rotschild para representante da cidade de Londres na Camara dos Communs, propôz Lord John Russel que os judeus fôsem aliviados da incapacidade politica, que lhes vedava a entrada no parlamento. Sir Robert Peel appoiou altamente a proposta: — Da primeira vez, disse elle, e muito a meu pesar, votei silenciosamente sobre esta questão... Necessito de patentear hoje os motivos que me trazem a votar muito differentemente das minhas primeiras impressões, e me collócam n'um penoso conflito com os homens, dos quaes tenho seguido quasi invariavelmente os sentimentos e o procedimento. Não me recordo de haver ainda estado n'um tão doloro-

so dissentimento com elles, a proposito de uma tão grave questão. Antes de tudo, por minha conta protesto contra a idéa de que, em nossa capacidade de legisladores, seja para nós uma questão indifferente a religião. Estou profundamente convencido de que é nosso dever supremo sustentar a religião e a sua influencia sobre a alma humana. Estou profundamente convencido de que o espirito e os preceitos do christianismo devem presidir ás nossas deliberações; e não menos o estou de que, se as nossas leis são contrárias ao espirito e aos preceitos do christianismo, não podemos esperar que Deus as abençoe. Posso dizê-lo com verdade: quer eu tenha razão, quer não a tenha em votar como vou votar, a minha resolução será menos influenciada por considerações de utilidade pública, do que por um profundo sentimento de dever religioso. Entre as crenças dos judeus e as dos christãos ha, no meu conceito, uma differença radical. Não penso que o accôrdo dos judeus com os christãos em reconhecer as verdades historicas, e a origem divina dos preceitos moraes do antigo Testamento, apague a sua dissidencia em quanto ás doutrinas que constituem o principio vital e o fundamento do christianismo. Se, pois, nós tivéssemos, na qualidade de legisladores, auctoridade para decidir do erro religioso, e missão para punir o erro religioso,—dever, embora penoso, teriamos de punir os judeus,—e digo punir, porque considero a incapacidade politica, infligida pela lei, como sendo uma espécie de pena: mas tal não é a nossa missão. Se os judeus commettêram, vae em dois mil annos, um crime inexpiavel,—não recebemos nós auctoridade para pesquisar a iniquidade dos paes sobre os filhos até á terceira ou quarta geração... quanto mais até á trecentessima ou quatrocentessima. Não nos pertence este terrível poder: *E' a mim que a vingança pertence; eu a exercitarei*, diz o Senhor.» =

—Para podêrmos apresentar um trabalho completo a respeito de Sir Robert Peel, fôra necessario percorrer a historia de Inglaterra desde o anno de 1809, em que o grande homem de Estado entrou no parlamento, até ao de 1850, em que foi riscado do número dos vivos. Então veríamos confirmado o que se tem dito, e vem a ser, que outros homens de Estado inglezes luziram com maior esplendor pelo talento; mas nenhum, tanto como Peel, enlaçou o seu nome com os melhoramentos positivos.

A natureza especial d'este semanário não permite os amplos desenvolvimentos que o assumpto demanda. No entanto, o pouco que apontamos é bastante para dar uma idéa do que foi Sir Robert Peel, e para excitar a curiosidade a conseguir noticias cabaes. (1)

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

(1) Inculcarei aos leitores as fontes, a que podem recorrer para mais completo estudo, e são os seguintes escriptos:

—*Sir Robert Peel et M. Guizot*—de M. Léonce de Lavergne. 1857.

—*Sir Roberto Peel*—par M. Guizot. 1856. (É o estudo mais completo que a respeito do grande homem de Estado tem sido feito.)

—*Nouvelle Biographie Générale*. Tomo 39.º, vb. Peel.

—Sobre a liberdade do commercio dos cereaes: *Richard Cobden et l'école de Manchester...* par M. Louis Reybaud 1860.

—Sobre o Banco de Inglaterra: *Um dos estudos de M. Esquiros*.

O PADRE ANTONIO VIEIRA

considerado como grande pintor da natureza

Grande mestre da lingua portugueza, prégador eloquente, traductor valente de mil passagens da Escriptura, engenho subtil, corajoso pregoeiro de verdades politicas e moraes... todos estes predicados hão sido attribuidos ao immortal Padre Antonio Vieira; mas ainda ninguem se lembrou de o qualificar — positivamente — de insigne pintor da natureza, como a respeito de Camões o fez Humboldt. (1)

Vamos encher essa lacuna da nossa litteratura, não, cabalmente, — porque demandaria esse empenho longas paginas; mas apontando uns breves exemplos, que por si sós bastarão para excitar a curiosidade dos leitores a buscar nas obras do illustre Jesuíta repetidas demonstrações da qualidade, que ora lhe attribuimos. (2)

Fallando Vieira de David, e observando que o rei propheta dava os dias aos negocios, e a noite ás lagrimas, — governava de dia, e chorava de noite os seus peccados, adduz esta bellissima imagem, que tanto ao vivo pinta a natureza:

= *As flores anoitecem murchas, e quasi sêccas; mas com o orvalho da noite amanhecem frescas, vigorosas, resuscitadas. Assi o fazia David, e assi regava a sua alma todas as noites.* = l. 882.

Traduzindo uma eloquente passagem da Escriptura sobre a brevidade da vida, exprime-se assim o grande pintor:

= *Vistes o torrente formado da tempestade subita, como se despenha impetuoso e com ruido: e tanto que cessou a chuva, tambem elle se secou, e sumio subitamente, e tornou a ser o nada que d'antes era?* = V. 16.

Commentando aquelles tristissimos: *quia pulvis es, — e quia ventus est vita mea*; e considerando os vivos como sendo pó levantado, e os mortos como sendo pó caído, — os vivos como pó que anda, e os mortos como pó que jaz; apresenta esta imaginosa descripção:

= «Estão essas praças no verão cobertas de pó: dá um pé de vento: levanta-se o pó no ar e que faz? O que fazem os vivos e muitos vivos. Não aquietta o pó, não póde estar quedo: anda, corre, vò: entra por esta rua, sahe por aquella: já vai adiante, já torna atraz; tudo enche, tudo cobre, tudo envolve, tudo perturba, tudo toma, tudo cega, tudo penetra, em tudo e por tudo se mete, sem aquietar nem socegar um momento, em quanto o vento dura. Acalmou o vento, cahe o pó, e onde o vento parou, ali ficá: ou dentro de casa, ou na rua, ou em cima de um telhado, ou no mar, ou no rio, ou no monte, ou na campanha. Não he assi? Assim he. E que pó e que vento é este? O pó somos nós: o vento é a nossa vida.» = l. § 2.º

Estamos a vêr o mar immenso e dilatado sem limites, ora bonançoso, ora embravecido; quando o Padre Antonio Vieira nos offerece esta pintura:

(1) Veja — *Os Lusíadas e o Cosmos ou Camões considerado por Humboldt como admiravel pintor da natureza.* — Por José Silvestre Ribeiro.

(2) Sou profundo admirador da *Memoria historica e critica* do douto bispo de Vizeu acerca da vida e obras do Padre Antonio Vieira. Pela natureza do trabalho, não podia o insigne critico descer a miudezas.

— «Vêdes essa veiga, ou vargea tão estendida, vêdes essa planície immensa tão quieta e tão igual; pois não fieis, da sua quietação, nem de sua igualdade, por que debaixo d'ella estão escondidos grandes montes.» =

Oh! quanto não é grande pintor da natureza o homem que assim nos apresenta o diverso aspecto do céu durante o dia, e do céu durante a noite:

— «Que região mais povoada que o Céu de noite? Tantos planetas, tantas constellações, tanta multidão de estrellas maiores, e menores sem numero. Mas em apparecendo o Sol, o mesmo Céu subitamente ficou um deserto, porque tudo á vista d'elle se sumio, e desapareceu, e só elle apparece.» = V. 394.

Reparae na vivacidade da seguinte pintura:

— «O Sol... depois de dar volta ao hemispherio opposto, torna a renascer n'este nosso claro, e resplandecente, e coroado de raios, enxugando as lagrimas da aurora, restituindo a côr e formosura aos campos, despertando as musicas das aves, dourando os céos, e alegrando a terra.» = VI. 477.

Quando o Padre Antonio Vieira pinta o estado a que ficaram reduzidos os missionarios, depois da jornada dos Tocantins, comprehendendo facilmente que viriam elles mirrados da fome e da doença, desde que leio a seguinte pintura:

— «... tal houve, que andando vinte e dous dias perdido nas brenhas, matou somente a sede com o orvalho que lambia das folhas.» = I. 9.

Não quero dilatar a escriptura, apontando um grande numero de exemplos. Os que deixo exarados são bastantes para recommendar o Padre Antonio Vieira como pintor primoroso da natureza. Cumpre-me, porém, offerecer um só exemplo, que servirá como complemento dos outros, no sentido de tornar bem evidente a mestria, com que o illustre Jesuita enlaça a exposição da doutrina moral e religiosa com a descripção dos phenómenos naturaes. Eis aqui esse exemplo:

— «O anno tem tempo para as flores, e tempo para os frutos. Porque não terá tambem o seu outono a vida? As flores, umas cahem, outras seccão, outras murchão, outras leva o vento: aquellas poucas, que se pegão ao tronco, e se convêtem em fruto, só essas são as venturosas, só essas são as discretas, só essas são as que durão, só essas são as que aproveitão, só essas são as que sustentão o mundo. Será bem que o mundo morra á fome? Será bem que os ultimos dias se passem em flores? Não será bem, nem Deos quer que seja, nem hade ser.» = I. 12 e 13.

— Talvez n'outro breve artigo nos proponhâmos a demonstrar com exemplos a perfeição admiravel, com que o Padre Antonio Vieira falla das cousas da navegação e das de algumas artes.

JOSE SILVESTRE RIBEIRO.

FLORILEGIO CLASSICO

O Infante D. Henrique.

— Quem ler com alguma attenção, e com animo imparcial e limpo de baixas preocupações a historia dos descobrimentos e viagens maritimas emprehendidas, e executadas pelos Portuguezes desde os principios do seculo XV com tanta utilidade do mundo civilisado, não poderá

deixar de sentir-se possuido de admiração, e quasi assombro, considerando que uma nação pequena, libertada pouco antes da oppressão dos Sarracenos, e das pretensões de seus visinhos; destituida de guia e exemplar, que a tivesse precedido na sua carreira; carecida dos muitos meios e methodos, que o tempo, a industria, e o progresso das sciencias tem depois multiplicado; que esta nação, digo, formasse e executasse a vasta, difficil, e arrojada empreza de descobrir tantos mares, terras, e povos até então desconhecidos, de navegar até ás mais apartadas regiões do mundo, e de levar por toda a parte a sua industria, a sua civilisação, o seu commercio, as suas armas, e o seu dominio! Mas tanto póde o genio! Um homem dotado de genio, um Principe dotado de uma grande alma, e de uma constancia invencivel, bastou para conceber e executar tamanha empreza!

Foi este o immortal Infante D. Henrique filho de el-Rei D. João I.º A ordem do nascimento não o havia destinado para o throno; os seus meios erão consequentemente limitados, se os compararmos com a grandeza e vastidão do projecto, a que se abalançava; a sua idade parece, que não dava bastante caução nem á madureza do plano, nem á constancia do desempenho; muitos Portuguezes, ainda dos mais doutos e avisados impugnãvao as suas idéas como quimericas, ou temerarias, e o seu plano como inexequivel; antigas preocupações, ainda não dissipadas pela experiencia, representãvao a zona torrida como inhabitavel, e a existencia dos antipodas como impossivel: imaginãvao-se medos e receios de navegar em mares perigosos, cheios de monstros, e nunca trilhados de outras quilhas. Emfim, ainda depois que o Infante deo principio aos seus trabalhos maritimos, doze ou mais annos se haviãvao já passado em tentativas infructuosas, sem resultado algum essencial, senão o de dar novos argumentos e maior ousadia dos inimigos e impugnadores da empreza. Tudo isto parece, que seria mais que sufficiente para desanimar uma alma menos heroica, e para privar, ainda por algum tempo, o mundo das immensas vantagens, que haviãvao de seguir-se de tão glorioso projecto. Mas o illustre Principe teve em pouco todas as difficuldades, que se lhe oppunhão, e marchou intrepido na carreira, que tinha encetado. Nem se présuma, que as suas relações crão cegas, ou temerarias: que as não costumão tomar taes os grandes homens, ainda que o vulgo ignorante, e incapaz de comprehender as cousas elevadas, que sobreexcedem a medida do seu espirito, lhes ponha muitas vezes essa tacha. =

(*Memoria ácerca do Infante D. Henrique e dos descobrimentos de que elle foi autor no seculo XV. Por D. Francisco de S. Luiz, Cardeal Patriarcha de Lisboa.*)

A probidade é necessaria a todos que vivem em sociedade para que possam tratar com confiança; e é igualmente necessaria ao homem isolado e na solidão para que possa viver em paz comsigo mesmo.

CICERO.